

# Apresentação

---

## Efeitos de uma intensa presença

MARCELO JASMIN

Departamento de História da PUC-Rio

*Produção de presença* continua e sistematiza teoricamente o programa intelectual que Hans Ulrich Gumbrecht persegue, em sua incansável escrita, desde a formulação das “materialidades da comunicação” no início da década de 1980 até suas investigações sobre as alternativas não metafísicas à cultura hermenêutica predominante nas ciências humanas. A obra de Gumbrecht não é desconhecida do público brasileiro.\* O meio acadêmico tem contato direto com autor e obra desde, pelo

---

\* Para exposições da obra de Gumbrecht produzidas no Brasil, ver o número especial *Hans Ulrich Gumbrecht* da revista *Floema. Caderno de Teoria e História Literária*, 1A, Vitória da Conquista: Edições UESB, 2005; e os textos de João Cezar de Castro Rocha, “Introdução: a materialidade da teoria”, In: *Corpo e forma. Ensaios para uma crítica não-hermenêutica*, p. 7-22, e de Valdeci Lopes de Araújo, “Para além da autoconsciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht”, *Vária História*, 22(36), 2006, p. 314-328. Uma boa introdução aos anos iniciais desse percurso está na coletânea de ensaios organizada pelo próprio autor, *Making sense in life and literature*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992. Para a discussão das obras mais recentes, consulte-se *Producing presences. Branching out from Gumbrecht's work*, Victor K. Mendes e João Cezar de Castro Rocha (orgs), Dartmouth: University of Massachusetts Dartmouth, 2007.

menos, a sua primeira visita ao Brasil, em 1977, presença física que desde então é anualmente renovada. Desde 1998, com a publicação de *Modernização dos sentidos* e de *Corpo e alma*, sua obra tornou-se acessível ao circuito mais amplo em língua portuguesa. Testemunham esse fato a tradução entre nós de vários outros livros seus – *Em 1926. Vivendo no limite do tempo* (1999), *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa* (2003) e *Elogio da beleza atlética* (2007) – e as inúmeras publicações em brochuras, revistas científicas e jornais de maior circulação.\*

Em permanente diálogo crítico com diversas áreas das ciências humanas, a teoria literária, a historiografia e a filosofia, em *Produção de presença*, Gumbrecht busca alternativas epistemológicas ao que denuncia como o predomínio praticamente absoluto e injustificado da autocompreensão das Humanidades como saberes cuja tarefa exclusiva é extrair ou atribuir *sentido* aos fenômenos que analisa. Para o autor, a história dessa vocação hermenêutica começa com a modernidade, quando a afirmação do *cogito* cartesiano se reproduz em inúmeras dicotomias – espírito e matéria, mente e corpo, profundidade e superfície, significado e significante – nas quais o primeiro pólo (sentido espiritual, interpretação) sempre tem privilégios e é concebido como hierarquicamente superior ao segundo (corporeidade, materialidade). Contra essa excessiva espiritua-

---

\* *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998; *Em 1926 - Vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1999; *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003; *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Além dos textos citados na nota anterior, ver também o número especial *Kleist por H. U. Gumbrecht*, *Revista Floema. Caderno de Teoria e História Literária*. Ano I, número 4A, Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008.

lização metafísica que nos levaria à “perda do mundo”, Gumbrecht se aventura em caminhos intelectuais que permitiriam restabelecer a “coisidade do mundo”, na busca do que há no espaço da vivência ou experiência não conceitual [*Erlebnis*] e pode dispensar a redução hermenêutica ao significado.

Nesse contexto, presença refere-se, em primeiro lugar, às coisas [*res extensae*] que, estando à nossa frente, ocupam espaço, são tangíveis aos nossos corpos e não são apreensíveis, exclusiva e necessariamente, por uma relação de sentido. Uma ária de Mozart, o golpe do boxeador, um quadro de Edward Hopper, o passe do *quarterback*, a “pedalada” de Robinho são, não à toa, fenômenos privilegiados para uma análise da presença, daquilo que podemos experimentar, primordialmente, fora da linguagem. Mas isso não esgota a questão dos fenômenos relevantes, pois a linguagem pode ser, ela também, produtora de presença.\* O ritmo ou o volume de um poema, por exemplo, ativam os sentidos de um modo que não se deve confundir com a atividade hermenêutica que atribui significados culturais determinados ao que tal poesia diz, assim como a vibração das cordas de um violino atinge os nossos corpos a despeito do que possamos interpretar acerca da melodia em execução. Como lidar intelectualmente com essas experiências de modo não interpretativo é um dos centros da reflexão deste livro.

Mas não se exagere tais distinções na obra de Gumbrecht, pois isso levaria a reintroduzir, com sinais invertidos, as indesejadas dicotomias metafísicas do cartesianismo. Para o autor, parece evidente que não se pode abdicar ingenuamente da cul-

---

\* Ver, por exemplo, “A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado”. *História da historiografia*, 3, Ouro Preto, 2009, p. 10–22.

tura de sentido em que vivemos ou renunciar aos conceitos e à compreensão. Para a reflexão gumbrechtiana, a interpretação é parte integrante e necessária do estar-no-mundo. Nesse sentido, é irrecusável. Mas que o único modo de nos relacionarmos com os fenômenos humanos seja pela hermenêutica, a interpretação, a extração de sentidos quase sempre “profundos” ou “ocultos” que anulam a capacidade de lidar com o que está à nossa frente, diante dos olhos e no contato com o corpo (a “perda do mundo, hermeneuticamente induzida”), é esse o ponto crítico de partida do jogo que se desenrola em *Produção de presença*.

Por isso, e de acordo com a autocompreensão expressa por Gumbrecht, a tensão entre presença e sentido constitui o *leitmotiv* do presente livro. A partir do enfrentamento dessa tensão, *Produção de presença*, num primeiro movimento, busca libertar-se da autodefinição hermenêutica predominante nas ciências humanas para, em seguida, imaginar terrenos conceituais alternativos, não hermenêuticos e não metafísicos, que introduzam no cerne dessas mesmas ciências o que o significado não pode transmitir.

O percurso se faz em seis etapas. Um preâmbulo, na forma de um breve manual do usuário, define desde logo os conceitos-chave que serão usados no livro. Em seguida, o primeiro capítulo apresenta uma retrospectiva, em tom bastante pessoal, da inscrição do autor no movimento intelectual que desde o final da década de 1970 buscou resistir às implicações metafísicas nas ciências humanas, dos primeiros seminários acerca das “materialidades da comunicação” até o estado em que a questão se encontrava no momento em que foi tratada pelo livro. O segundo capítulo traça uma história da metafísica ocidental que permite, por um lado, determinar quando e como emergiu

aquilo a que se pretende reagir – a configuração epistemológica contemporânea fundada no estatuto central da interpretação derivado do paradigma sujeito/objeto – e, por outro, apresentar as razões que tornam desejável resistir aos suportes metafísicos da hermenêutica no campo das Humanidades. O terceiro capítulo, o mais teórico, aproxima o conceito de presença e a reflexão heideggeriana sobre o Ser, num movimento que se assume como um “sujar as mãos” ao lidar com termos hoje relegados ao campo do mau gosto filosófico – como, por exemplo, o conceito de substância. Na direção de ultrapassar a polaridade entre significativo puramente material e significado puramente espiritual, Gumbrecht afirma a possibilidade de se restabelecer contato com as coisas do mundo fora do paradigma sujeito/objeto, o que exige, no programa do autor, a afirmação da “substancialidade do Ser” contra a tese da “universalidade da interpretação”. Novamente, vale ressaltar que não se propõe aqui uma lógica dual que elimine o sentido em favor da presença. O que se quer é marcar o contraste entre ambos e explorar, como acontece no final do terceiro capítulo, como uma “cultura de presença” se diferencia e tensiona uma “cultura de sentido”. A condensação teórica da *démarche* gumbrechtiana está na proposição de um conjunto de termos cuja vocação seria constituir, nas futuras práticas intelectuais e institucionais do trabalho nas Humanidades, um campo conceitual que permita ultrapassar o estatuto central da interpretação. É esse o conteúdo principal do quarto capítulo. Explorando a tripartição tradicional das humanidades – estética, história e pedagogia –, ele formula os conceitos de “epifania”, “presentificação” e “*déixis*” como candidatos potenciais a um possível campo epistemológico não hermenêutico e não metafísico.

O capítulo final de *Produção de presença* retoma o tom pessoal para debater o que se pode obter com a presença. Sem fazer a desfeita de interpretar aqui as respostas de Gumbrecht, deixo ao leitor a pista de que elas passam, entre outras, pela serenidade [*Gelassenheit*], de Heidegger, pela mobilização geral, de Lyotard, pelas tecnologias dos efeitos especiais, pelo fetichismo, pela ortodoxia radical de jovens teólogos britânicos e pelas formas clássicas do teatro japonês, Nô e Kabuki, numa intensidade cujos efeitos só a experiência da leitura poderá desvelar.

Hans Ulrich Gumbrecht não é, em *Produção de presença* — como, provavelmente, em lugar nenhum —, o autor de uma tese. O que nos propõe, em cada capítulo, é um conjunto vibrante de inúmeros pontos que vão sendo expostos e costurados numa tecelagem intensa, pulsante, extraordinariamente culta e intelectualmente muito instigante. Que a sua presença permaneça produzindo efeitos entre nós.